

BOLETIM INFORMATIVO

EDIÇÃO ESPECIAL

DIRECÇÃO GERAL DA A.A.C

DATA 16/2/77

Vão de novo realizar-se eleições para a Direcção Geral da AAC.

Com o fim de um mandato, queremos abordar por forma de balanço e perspectivas, ainda que breves, alguns pontos não só da nossa acção mas sobretudo do M.E. durante a nossa vigência.

- 1 - Ao candidatar-nos há um ano como lista, procuramos apresentar uma perspectiva e levar à prática uma política para o movimento estudantil e para a sua componente associativa que rompesse com o sectarismo e a esclerose dos afrontamentos estéreis diante da impotência da maioria dos estudantes.

Propunhamo-nos contribuir para pôr de pé um M.A. forte e participante meio decisivo de organização unitária dos estudantes, no seu terreno, contribuindo para a Construção da Escola Nova, avançando para o Socialismo em ligação com a luta organizada dos trabalhadores.

- 2 - Apesar das dificuldades que encontramos, o M.E. e a sua componente associativa tiveram durante a nossa vigência grandes e altos momentos que ninguém pode ousar negar tais como:
 - As duas manifestações nacionais estudantis com o apoio de organizações sindicais;
 - Uma grande manifestação em Coimbra (F. Cruz);
 - Um plenário de Universidade com mais de seis mil estudantes, professores e funcionários;
 - As maiores Assembleias Nacionais desde 1969;
 - Plenários e A.G.E.s participados;
 - Dois greves respeitadas e sériamente organizadas;
 - A ligação às estruturas da classe trabalhadora.
- 3 - Este passivo, história recente do M.E. português que vive e viverá na consciência dos estudantes e trabalhadores, constitui aquisição importante, capital de experiência decisivo para as lutas futuras que se avizinham.

A ligação real, prática e viva da luta dos estudantes e trabalhadores conseguida nas acções comuns bem como dimensão e unificação a nível nacional das mobilizações estudantis à volta das reivindicações comuns defendidas nos seus cadernos reivindicativos, são a expressão de uma maturidade e vontade de transformar o velho mundo

que nenhuma traição pode destruir — mas sómente calar momentaneamente.

- 4 - Se é certo que enquanto direcção estudantil não conseguimos responder sempre com a necessária capacidade de intervenção e organização ao que os diferentes momentos de nós exigiam — e reconhecemos com a coragem de não querer escamotear a verdade — não é menos certo que na procura colectiva em assembleias massivas souberam os estudantes encontrar as estruturas unitárias de luta viradas para a acção, para os objectivos por todos definidos = comissões de luta, integrando naturalmente a direcção associativa e com representantes das diferentes escolas, em A. Magnas.
- 5 - E se nos apareceu claramente o impacto que resulta da vontade organizada dos estudantes unitariamente em estruturas de luta que integram as direcções associativas surgiu ainda mais clara a necessidade a nível nacional de uma estrutura federativa dos estudantes portugueses que seja direcção efectiva, representativa e permanente das suas lutas, como meio importante para acabar com as manipulações dos que, tendo a responsabilidade de dirigir e mobilizar, acabam por desmobilizar e desorientar os estudantes. Como aconteceu com A.A.E.E. de Lisboa e do Porto na recente mobilização a nível nacional pela revogação do decreto de gestão.
- 6 - Mas se, enquanto D.G., tivemos como característica abrir a porta à livre expressão e participação democrática dos estudantes e das forças estudantis na resolução dos problemas de todos nós resta-nos ainda, a todos os estudantes, superar os obstáculos internos ao nosso movimento que nos impedem de triunfar, que nos empurraram para becos sem saída tais como a demissão (forma de luta!) dos C.D.s ou a caução-participação no Decreto de Gestão através das Assembleias de Representantes.
Se hoje os estudantes se defrontam com uma situação difícil em que o decreto anti-democrático se instala, em que as Comissões de Curso são atacadas, em que os professores saneados regressam, parece-nos poder afirmar que o passado recente deve ser o guia do futuro: só a mobilização fará recluir tais medidas.
Trata-se de começar a prepará-la. E a Direcção Associativa que nos suceder deve tomar em mãos essa tarefa: com as A.A.E.E. a nível nacional, com as Comissões de Curso, há que defender uma plataforma de acção comum de todos os estudantes portugueses, com A.G.E.s para a discutir e aprovar, retomando o movimento que se quebrou mas que as medidas que o MEIC continua — cada vez mais — a tomar vai fatalmente revigorar. Mesmo os estudantes que poderam acreditar que "não tínhamos forças..." sem verem as verdadeiras razões do insucesso do movimento, sentem hoje o preço desse insucesso: em medicina, direito ou biomédico os estudantes apercebem-se já do significado real do D. Gestão, como "dispositivo de guerra" contra eles.
Os seus plenários foram amplamente participados. Outros haverá. Porque outras medidas virão: com os professores saneados "pedras do velho edifício escolar do fascismo" com as quais não se constrói decerteza uma Escola Nova!, com os Conselhos científicos que ninguém elege, ninguém controla e encernam essas "velhas pedras".
E mesmos os mais sépticos ou os mais iludidos, não tardarão a perceber que nas escolas como na sociedade a democracia só o é se a maioria tem poder decisório sobre as suas vidas, sobre os seus problemas, a caminho de uma nova sociedade.
Os estudantes não estão vencidos nem milagrosa e repentinamente desinteressados. Abrir-lhes de novo a perspectiva e os meios de mobilização, tal é a tarefa que caberá à nova direcção. Que ela a saiba assuár.

Quanto aos que nos apelidaram "actual D.G.", há tempos, de "sectores irresponsáveis" num comunicado assinado pela Direcção da UEC, queríamos dizer-lhes que se para eles "responsabilidade" é cobrir à esquerda um Decreto de direita de Gestão e "irresponsabilidade" é defender a perspectiva de greve nacional de mobilização contra esse mesmo decreto, então somos "irresponsáveis". "Irresponsáveis" como a maioria dos trabalhadores da função pública ou das pescas que recorreram à greve nacional pelas suas reivindicações. Somos "irresponsáveis" porque queremos o Socialismo. Sem golpes. Com a maioria dos jovens e trabalhadores. Talvez a grande responsabilidade da Direcção da UEC seja de não o querer — ao SOCIALISMO!